

Book of James Kirylo (Hammond, LA): *Paulo Freire: The Man from Recife*.  
Moacir Gadotti

- *What were the circumstances that you came in contact with Paulo Freire and/or his work?*

- Conheci Paulo Freire pessoalmente em Genebra (Suíça), em 1974. O contato com a sua obra era anterior, 1967, quando publicou *Educação como prática da liberdade*, seu primeiro livro publicado no Brasil. Sobre esse livro fiz meu trabalho final de Licenciatura em Pedagogia. A partir de 1974, comecei a trabalhar estreitamente com ele. Primeiramente foram as trocas de idéias sobre a situação brasileira, dez anos depois do golpe militar de 1964. Nos engajamos em campanhas para auxiliar refugiados políticos. Foram muitos os encontros na cantina do Conselho Mundial de Igrejas de Genebra. Paulo Freire sempre tratava a todos com enorme cortesia e paciência, sempre sonhando com algo, projetando algo, atendendo inúmeros alunos de vários países, dando entrevistas, lendo e escrevendo, discutindo. Depois de me orientar pedagogicamente por três anos, em 1977 participou da banca de meu doutoramento na Universidade de Genebra sobre a educação ao longo de toda a vida.

Paulo Freire era uma pessoa bondosa, generosa, solidária. Ele queria bem às pessoas, falava bem delas, era sempre ético, positivo e respeitoso para com todos e todas. Todos os títulos dos seus livros são positivos, esperançosos, mesmo quando escritos com indignação. Ele escrevia com emoção. Por isso, há um grande espaço para a emoção em seu pensamento. Mas é preciso saber qual é esse espaço. Ele falava numa “nova modernidade” onde a razão estaria “encharcada de emoção”, contrapondo o seu paradigma dialético ao paradigma burocrático da razão instrumental manipuladora. Na razão dialética o sentido das coisas não é apreendido apenas pela razão, mas por um todo: razão-emoção. Paulo Freire deixou marcas profundas em muita gente, enquanto pessoas e enquanto profissionais, não apenas pelas suas idéias, mas, sobretudo, pelo seu compromisso ético-político.

- *How has Paulo Freire influenced your thinking and action?*

- Aprendi muito com Paulo. Aprendi a ter paciência impacientemente, a esperar que a verdade apareça, mesmo que tenha que percorrer uma longa jornada e essa jornada esteja cheia de espinhos. Um dia a verdade vai aparecer, dizia Paulo, quando foi acusado de não levar em conta os conteúdos na educação e de ser não-diretivo. Ele não respondia às críticas diretamente. Limitava-se a explicar melhor suas posições, sem entrar em polêmicas estéreis e destrutivas. Paulo nunca polemizou com ninguém. Mas também não deixava de responder. Quando juntos, com Sérgio Guimarães e eu, escrevemos o livro *Pedagogia: diálogo e conflito* (Cortez, 1985), ele respondeu a diversas críticas que havia recebido nos primeiros anos de seu retorno ao Brasil.

A pedagogia do diálogo que ele praticava fundamenta-se numa filosofia pluralista. O pluralismo não significa ecletismo ou posições “adocicadas”, como ele costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. É o que mantinha a coerência da sua prática e da sua teoria. Paulo era acima de tudo um humanista. Seria a única forma de “classificá-lo” hoje. Não há dúvida de que Paulo Freire foi um grande humanista.

Para mim Paulo Freire continua sendo a grande referência da educação emancipadora. Ele pode ser comparado a muitos educadores do século XX, mas ninguém, melhor do que ele, formulou uma pedagogia dos silenciados e da responsabilidade social, dos oprimidos e dos que não são oprimidos, mas estão comprometidos com eles e com eles lutam, como afirma na dedicatória do seu livro mais conhecido *Pedagogia do oprimido*. Colocar Paulo Freire no passado é não querer mexer na cultura opressiva de ontem e de hoje que ele denunciava. O legado de Freire não pode ser considerado uma contribuição à educação do passado, mas à educação do futuro.

- *Is there any other information or thoughts that you would like to share that highlights the significance of Paulo Freire?*

- Paulo Freire era muito otimista, acreditava nas pessoas e as estimulava, com suas palavras, ao engajamento e à luta por um outro mundo possível. Repetia muitas vezes que o mundo é possibilidade, não é fatalidade. A educação não é um tesouro que se perde ao “entregar” a outros. Ao contrário, ele aumenta, ao ser repartido. Mais tarde Paulo Freire diria que só é válido o conhecimento compartilhado. Como terno guerreiro das palavras, Paulo Freire criticou e atacou a ética do mercado neoliberal, mas tinha esperança de superá-la, por uma “ética do ser humano”, como ele afirma em seu último livro *Pedagogia da autonomia*. Ele acreditava na história como possibilidade e não como fatalidade. Dar continuidade a Freire, não é tratá-lo como a um totem, algo que não se pode tocar, mas apenas adorar; não é tratá-lo como a um gurú, que tem que ser seguido por discípulos, sem questioná-lo. Nada menos freireano que a idéia de ter seguidores. Paulo

Freire foi, sobretudo, um criador de espíritos. Por isso, ele deve ser tratado como um grande educador popular. Por isso, não devemos repetir a Freire, mas “re-inventá-lo”, como ele mesmo dizia. Paulo Freire odiaria ser repetido. Não se pode continuar Freire sem re-inventá-lo.

Alguns certamente gostariam de deixá-lo para trás na história das idéias pedagógicas e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade em todos os seus leitores e todos os que o conhecerem de perto: o respeito à pessoa. Paulo sempre foi uma pessoa cordial, generosa, muito respeitosa. Podia discordar das idéias, mas respeitava a pessoa, mostrando um elevado grau de civilização. E mais: sua prática do diálogo o levava a respeitar também o pensamento daqueles e daquelas que não concordavam com ele.

A força da obra de Paulo Freire não está só na sua teoria do conhecimento mas em ter insistido na idéia de que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Ele não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado nos deixou a utopia.